

## CONSUMO DE ELETRICIDADE TEVE ALTA DE 1,1% EM JUNHO

### Mercado: Destaques

- ◆ Consumo **INDUSTRIAL** estável em junho: entre os 10 setores da indústria que mais demandaram energia elétrica em junho, 6 exibiram desempenho positivo sendo os maiores avanços observados nos ramos automotivo (+7,6%) e extração de minerais metálicos (+6,7%). Entre as regiões, foram observadas altas no Sul (+3,6%), Norte (+3,7%) e Centro Oeste (+3,9%), e quedas no Nordeste (-6,4%) e Sudeste (-0,4%);
- ◆ Crescimento de 2,2% no consumo **RESIDENCIAL** no mês de junho reflete desempenho ainda fraco da classe. No semestre, o consumo cresceu 1,2%, mantendo aproximadamente os resultados baixos (em torno de 1%) dos 2 semestres anteriores. Insegurança quanto ao emprego e ao equilíbrio do orçamento familiar têm impedido um avanço mais vigoroso do consumo residencial.
- ◆ Alta de 1,5% no consumo da classe **COMERCIAL**: no Sudeste o crescimento de 1,7% resultou do desempenho de São Paulo, cujo incremento representou 63,0% da energia adicional consumida no mês no total da classe; a maior variação proporcional foi registrada na região Centro Oeste, alta de 5,1%.

### Condicionantes Econômicos

**Atividade.** Em maio, os dados divulgados pelo IBGE para a produção física industrial (PIM-PF) mostram crescimento de 4,0% em relação a 2016. O volume de vendas no varejo (PMC) cresceu 2,4%, influenciado, segundo o IBGE, pelo dia útil a mais, pela redução da taxa de juros a PF e pela recomposição da massa de rendimentos. Já o volume de serviços (PMS) apresentou queda de 1,9%. Em relação a junho, o índice de evolução da produção da Sondagem Industrial (CNI) voltou a registrar queda (47,7 pontos) e o Indicador Serasa Experian de Atividade do Comércio mostrou estabilidade na comparação com junho/16.

**Mercado de trabalho.** Os dados do CAGED/MTE mostraram uma criação de 9.821 postos de trabalho em junho de 2017. No entanto, essa geração de vagas de carteira assinada não foi disseminada na economia como um todo, apenas o setor agropecuário (+36.827) e administração pública (+704) apresentaram saldo positivo. Em termos de taxa de desemprego, os dados da PNADC/IBGE mostraram que esta se manteve em um patamar elevado (13,0%) no trimestre móvel finalizado em junho de 2017, ainda que tenha apresentado queda na margem pela terceira vez consecutiva.

**Confiança.** Com relação aos indicadores do setor industrial, o ICEI (CNI) fechou junho com 51,9, o que indica que os empresários ainda se mantêm confiantes a despeito do recuo de 1,8 ponto na margem. De acordo com o indicador da FGV (ICI), houve queda na margem de 2,8 pontos. O consumidor, segundo o INEC/CNI, mantém o nível de confiança do mês anterior, registrando 100,5 pontos. Enquanto o ICC/FGV, revela um recuo de 1,9 pontos da confiança do consumidor em junho, justificado pelo agravamento da incerteza política.

**Comércio Exterior.** O saldo do comércio exterior fechou o semestre com 53% de crescimento (MDIC). Apesar do avanço das importações, houve significativo crescimento dos embarques nacionais de produtos agrícolas, em decorrência da safra recorde, da extração mineral e de automóveis. O termo de troca em relação ao primeiro semestre do ano passado também contribuiu para o saldo (12,3%), ainda que haja reversão do quadro em junho, apenas 0,7% superior ao mesmo mês em 2016 (FUNCEX).

### Síntese

O consumo de energia elétrica na rede totalizou 37.816 GWh em junho, volume 1,1% acima do nível registrado nesse mês em 2016.

Conforme as regiões do país, apenas no Nordeste houve queda em junho, de -1,6%, no Centro-Oeste a alta foi de 4,2%, no Norte de 2,3%, no Sul de 1,6% e Sudeste de 1,1%. No acumulado em 12 meses, o consumo nacional de energia permaneceu estável em junho.

O mercado cativo das distribuidoras exibiu redução de 5,2% em junho e de 5,9% em 12 meses. Já o consumo livre aumentou 18,0% no mês e 17,7% em 12 meses.

Em relação ao número de unidades consumidoras de energia elétrica no País, a expansão foi de 2,1% em junho frente ao mesmo mês de 2016.

#### Veja também nesta edição:

Consumo industrial estável em junho	2
Consumo das Residências cresce 2,2% em junho	3
Comércio e serviços cresce 1,5% em junho	3
Consumo de eletricidade no 1º semestre de 2017	4
Estatísticas de consumo de eletricidade	6

# Consumo industrial estável em junho

O consumo nacional de eletricidade nas **INDÚSTRIAS\*** foi de 13.770 GWh em junho, estável em relação ao mesmo mês do ano anterior. Vale ressaltar que jun/17 possuiu um dia útil a menos que jun/16. O *gráfico 1* mostra que o consumo das indústrias em junho deste ano está maior apenas que o de junho dos anos de 2004, 2005, 2006 e 2009 (reflexo da crise financeira internacional de 2008) e praticamente no mesmo patamar de jun/16, porém longe da demanda para o mês do ano de maior consumo industrial (2011) na série acompanhada pela EPE desde 2004.

O *gráfico 2* exibe a estabilidade da série de médias móveis de 12 meses do consumo industrial em junho, atingida em abril e que se manteve desde então. Entretanto, como se pode visualizar no gráfico, parte deste efeito pode ser atribuído às taxas mensais negativas expressivas do 1º semestre de 2016, que contribuíram para uma base estatística baixa em relação ao mesmo período deste ano.

Alguns indicadores industriais apontaram queda em junho, tais como: a demanda por crédito das indústrias que declinou 11,2% no mês (SERASA EXPERIAN); os desembolsos do BNDES para a indústria da transformação, que retraíram 16,4% em junho; a

eliminação de cerca de 7,9 mil vagas formais de trabalho na indústria de transformação no mês (CAGED/MTE); a alta ociosidade do parque produtivo (em torno de 26%), que se manteve em junho (FGV/IBRE).

Entre os segmentos, o setor automotivo prosseguiu em destaque em junho, com crescimento de 15,1% na produção de veículos automotores, com relevância para as exportações (+40,9%), principalmente para países da América Latina. De acordo com a ANFAVEA, as exportações no 1º semestre de 2017 atingiram o maior volume da história para o período (+57,2%). É importante salientar que os licenciamentos também aumentaram em junho (+13,5%) e no 1º semestre do ano (+3,7%), o que pode sugerir que o mercado interno do segmento talvez tenha iniciado uma retomada.

Este panorama do ramo automotivo ajudou a explicar o avanço de 7,6% no seu consumo de eletricidade em junho, o maior entre os segmentos, tendo os estados de São Paulo (+6,5%), Minas Gerais (+ 11,7%), Rio Grande do Sul (+15,3%), Paraná (+12,9%) e Rio de Janeiro (+25,5%) registrado os maiores aumentos. O *gráfico 3* revela a performance do consumo dos dez principais segmentos da indústria em junho deste ano.

Pará (+8,0%), a extração de minério de ferro colaborou com as vendas externas de minério de ferro e seus concentrados (+16,4%) no mês (MDIC).

A demanda de energia do ramo têxtil cresceu 5,5% em junho. O aumento no consumo paulista no setor (+6,1%) se sobressaiu no Sudeste (+7,3%), embora as atividades mineiras (+9,3%) de preparação e fiação de fibras de algodão e de tecelagem de fios de fibras têxteis naturais também tenham contribuído para o resultado da região no segmento no mês. No Sul (+6,7%), o avanço da demanda de energia de Santa Catarina (+7,8%) está ligado à elevação do consumo na fiação de algodão e à reclassificação de atividades no setor.

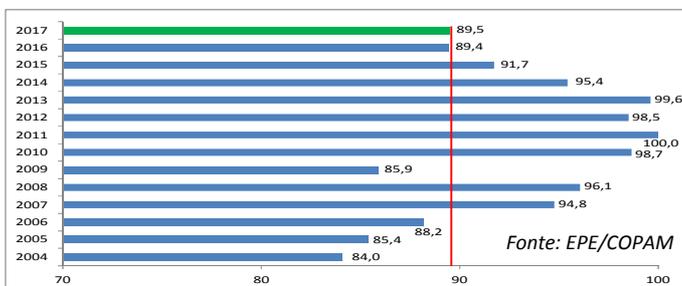
O ramo alimentício sinalizou evolução no consumo de 4,8% em junho. No Sul (+8,9%), ao passo que o progresso no Paraná (+13,7%) no mês se deu em razão das atividades de abate de aves e suínos, de fabricação de ração para animais e de moagem de trigo e fabricação de seus derivados, no Rio Grande do Sul (+6,6%) se notabilizaram a fabricação de óleos vegetais em estado bruto e o abate de reses, exceto suínos. Já no Sudeste (+3,6%), o avanço da demanda de eletricidade do segmento em Minas Gerais (+4,6%) em junho, associada à fabricação de laticínios, à produção de carne e ao abate de aves, suínos, reses e outros pequenos animais, foi a mais expressiva junto com o progresso paulista no setor (+4,6%) no mês.

O crescimento do consumo na Fabricação de Produtos de Borracha e Material Plástico foi de 3,9% em junho, influenciado, em grande parte, pela fabricação de pneumáticos, câmaras de ar e artefatos de plástico em São Paulo (+3,3%).

Por sua vez, o ramo metalúrgico (-2,9%) assinalou no mês a segunda queda sucessiva. Impulsionaram este resultado, as ferroligas em Minas Gerais (-7,4%) e a siderurgia no Ceará (-72,3%), onde planta siderúrgica que possui autoprodução demandou menos energia da rede no mês em relação a junho de 2016, quando estava em início de operação. Ajudaram a moderar o declínio da demanda do setor, os avanços das ferroligas na Bahia (+19,1%) e da siderurgia no Rio Grande do Sul (+14,4%).

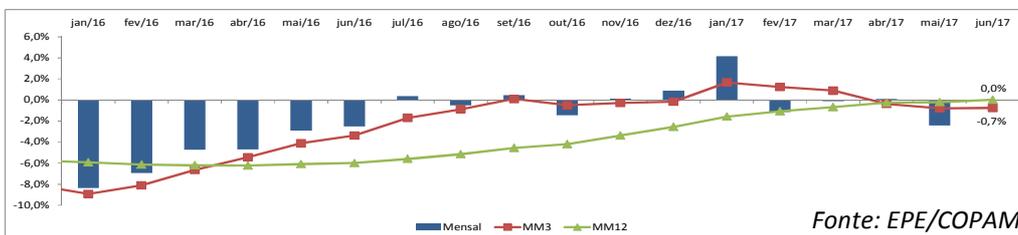
Entre as regiões, os crescimentos no Sul (+3,6%), no Norte (+3,7%) e no Centro-Oeste (+3,0%) não foram suficientes para compensar as taxas negativas do Sudeste (-0,4%) e do Nordeste (-6,4%). ■

**Gráfico 1. Brasil: Comparação relativa do consumo industrial de energia elétrica. Junho 2004-2017 (2011 base 100).**

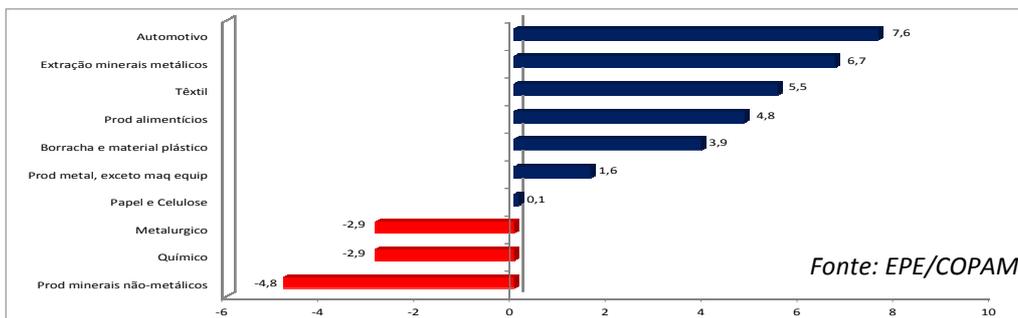


A demanda de eletricidade na atividade extrativa de minerais metálicos cresceu 6,7% no mês, liderada pela pelotização do Espírito Santo (+30,5%). O progresso baiano (+22,8%) em junho está relacionado à metalurgia dos metais não-ferrosos. No

**Gráfico 2. Consumo Industrial Brasil. Séries de taxas de 12 Meses: Mensal, Média Móvel 3 Meses e Média Móvel 12 Meses.**



**Gráfico 3. Brasil: Variação do consumo industrial em junho/2017 por segmento (Δ% 17/16).**



\*consumo via rede elétrica. Não inclui autoprodução.

## Junho teve crescimento moderado do consumo residencial

Na classe **RESIDENCIAL** registrou-se crescimento de 2,2% no consumo de junho (10.846 GWh) em relação a 2016.

A falta de segurança quanto à melhora do ambiente econômico, como sugerem as oscilações no índice de confiança do consumidor da FGV entre março e junho, tem provocado uma moderação no consumo das famílias. A piora das expectativas para o emprego e para as finanças familiares foram as principais razões apontadas para queda desse indicador em junho (-1,9 pontos em relação a maio).

As pesquisas de intenção de consumo e de inadimplência da CNC convergem neste mesmo sentido. Em seu levantamento, embora venha se reduzindo a proporção de famílias endividadas, entre essas, mais famílias têm relatado dificuldade para manter as contas em dia. Quanto ao nível de consumo das famílias, seu aumento tem se dado de forma lenta, apesar do incentivo que significam a queda da inflação, a liberação dos recursos do FGTS e o início dos efeitos da redução dos juros no crédito ao consumidor.

O crescimento de 8% no consumo de eletricidade nas residências do Centro-Oeste, resultado que se destacou entre as regiões do país, deveu-se ao observado em

mercados tais como Mato Grosso (15,3%) e Mato Grosso do Sul (12,8%) e de 6,5% em Goiás, maior mercado da região.

No primeiro caso, observou-se aumento de novas unidades consumidoras em ritmo quase duas vezes maior que no ano anterior (3,2% contra 1,7%). No Mato Grosso do Sul, segundo distribuidora local, a base baixa de comparação e o clima (temperaturas altas combinadas com volume reduzido de chuva) contribuíram para o resultado de junho.

Pode-se mencionar do ponto de vista econômico a liderança do Centro-Oeste no indicador da pesquisa de intenção de consumo da CNC, e que os entrevistados da região estão entre os mais confiantes em relação ao emprego.

Conforme dados do Caged/MTE, de fato, a abertura de novas vagas tem sido mais intensa na região, entre janeiro a junho, cresceu 2,82% no Mato Grosso e 3,2% em Goiás, contra 0,18% no conjunto do país.

Na região Sul (-0,3%), por outro lado, o consumo residencial praticamente não variou, a retração no Rio Grande do Sul (-4,7%), devido em grande parte à base

elevada de comparação, quase anulou os acréscimos verificados no Paraná (4,1%) e em Santa Catarina (1,1%).

No Nordeste (1%), apenas a Bahia (1,2%), entre os maiores mercados, apresentou crescimento, a maior retração ocorreu no Ceará (-1,5%), enquanto que, em Pernambuco (-0,2%) e Maranhão (-0,5%), as quedas foram menos significativas.

Destaca-se ainda o resultado de Alagoas, com crescimento de 8,9% em junho e, nos valores acumulados, de 7,6% no ano e de 5,4% em doze meses—melhor desempenho na região. De acordo com informe da distribuidora local, várias ações simultâneas ao longo do ano têm possibilitado uma redução significativa nas perdas de energia elétrica.

No Norte (2,9%), o consumo cresceu 2,1% no Pará, estado que representa cerca de 40% do consumo na região. Houve queda no consumo somente na Amazonas (-1,3%) e no Amapá (-4,8%).

No Sudeste (2,4%), o consumo teve crescimento de 2,5% em São Paulo e de 4,5% no Rio de Janeiro. Já Minas Gerais (0%) e Espírito Santos (0,8%) tiveram seus resultados no mês afetados pelo ciclo menor de faturamento. ■

## Comércio e Serviços cresce 1,5% em junho

Com uma alta de 1,5% em relação ao mesmo mês de 2016, o consumo da classe **COMERCIAL** totalizou 6.948 GWh em junho de 2017.

As condições climáticas desse mês pouco contribuíram para a expansão do consumo de eletricidade, já que as temperaturas oscilaram por volta de 2,5° em relação à média climatológica nas capitais do país, e majoritariamente em sentido oposto, sendo pouco mais elevadas no Sul e no Sudeste, menos no Norte e no Nordeste e praticamente estáveis no Centro Oeste.

Com isso, o pequeno aumento no consumo da classe comercial decorreu da melhora em alguns indicadores econômicos, como os preços dos produtos, que têm registrado menores elevações e mesmo reduções, como no caso do grupo Alimentos e bebidas, que registrou variação

de -0,5 p.p. em relação à junho de 2016, o que representa ganho real de renda para o consumidor.

Adicionalmente, as concessões de crédito também cresceram um pouco. No mês de maio o saldo dos empréstimos às pessoas físicas subiu 0,6%, com destaque para o crédito consignado e cartão à vista, como informou o BACEN em nota à imprensa.

Outro fator que ajudou o comércio foi a liberação de recursos do FGTS. De acordo com a Confederação Nacional do Comércio, dos recursos levantados pelos trabalhadores apenas entre os meses de março e abril, 43,0% destinaram-se ao consumo, principalmente de vestuário e calçados, híper e supermercados e móveis e eletrodomésticos. O calendário de saques prevê a liberação desses recursos até o final do mês de julho.

O consumo de eletricidade na classe comercial teve alta em todas as regiões do país, porém a maior contribuição veio do Sudeste, que cresceu 1,7%, e mais especificamente o estado de São Paulo, cujo incremento representou 63,0% da energia adicional consumida no mês.

Entretanto, entre as regiões o maior destaque em termos proporcionais no mês foi a região Centro Oeste, que com crescimento de expressivos 5,1% respondeu por 28,8% do incremento no país. Nela, a maior alta foi observada no Mato Grosso (+11,4%), seguido de Goiás (+6,5%) e Mato Grosso do Sul (+6,4%), enquanto no Distrito Federal houve queda de 1,6%.

Das demais, no Nordeste a variação foi de 0,5%, no Sul de 0,2% e no Norte 0,1%. Dentre os estados, ressaltam-se a queda de 11,6% em Santa Catarina e a alta de 6,6% no Paraná. ■

## CONSUMO DE ELETRICIDADE ESTÁVEL NO 1º SEMESTRE DE 2017

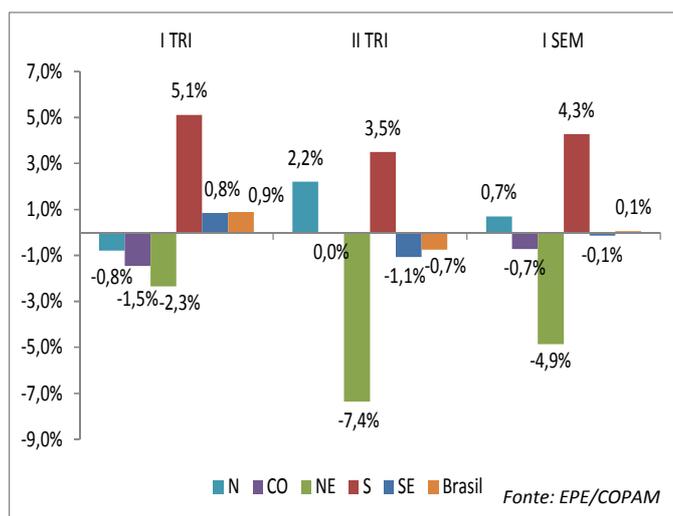
O consumo total de eletricidade na rede do país nos primeiros seis meses de 2017 alcançou 233.221 GWh, superior apenas 0,4% em relação ao mesmo período do ano passado. Conforme as regiões, do país houve crescimento no Sul (+2,2%), no Centro Oeste (+0,6%) e no Sudeste (+0,3%), entretanto houve queda no Nordeste (-1,0%) e no Norte (-0,5%). As estatísticas do mercado nacional de energia elétrica estão disponibilizadas na tabela da página 5 desta Resenha Mensal.

### • Industrial estável no período

O consumo nacional de energia elétrica nas indústrias fechou o 1º semestre de 2017 estável frente ao mesmo período de 2016, totalizando 81.322 GWh. Como se pode visualizar no gráfico 4, o 1º semestre de 2017 (+0,1%) foi mais favorável que o dos anos de 2016 (-5,0%) e 2015 (-4,5%), em função, principalmente, do avanço expressivo da região Sul (+4,3%) e das taxas negativas mais suaves do Sudeste (-0,1%) e do Nordeste (-4,9%).

Em relação aos trimestres, o avanço do consumo de 0,9% no 1º trimestre contrabalançou a queda de 0,7% no 2º trimestre (gráfico 5), contribuindo para a estabilidade do 1º semestre do ano. Colaborou para este resultado o efeito estatístico de base baixa de 2016, com quedas intensas no 1º tri/16 e mais moderadas ao longo do 2º tri/16.

Gráfico 5. Consumo Industrial Brasil e Regiões: Taxas 1º tri, 2º tri e 1º sem 2017 (frente a igual período do ano anterior).

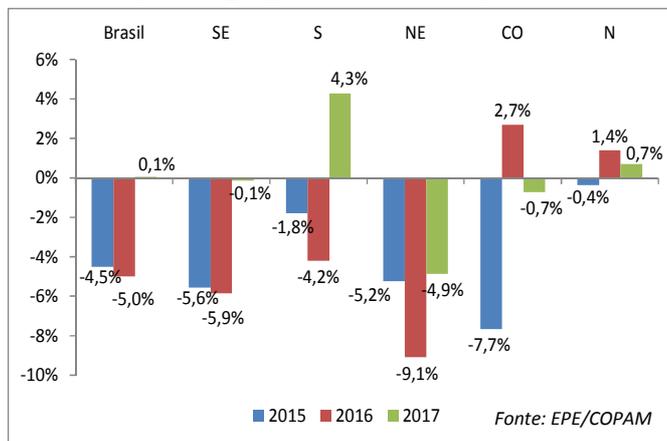


A tabela mostra o desempenho do consumo de energia elétrica dos dez principais ramos da indústria no 1º semestre de 2017.

Consumo industrial por setor	
Δ% 1º sem/2017 (*)	
<b>Crescimento</b>	<b>↑</b>
Têxtil	4,9
Automotivo	4,4
Extração minerais metálicos	2,7
Borracha e material plástico	2,3
Papel e Celulose	2,1
Metalúrgico	1,3
Prod alimentícios	1,1
Prod metal, exceto maq equip	1,0
<b>Queda</b>	<b>↓</b>
Químico	-2,5
Prod minerais não-metálicos	-3,5

(\*) ante 1º sem/2016  
Fonte: EPE/COPAM

Gráfico 4. Consumo Industrial Brasil e Regiões: Taxas 1º sem 2017, 2016 e 2015 (frente a igual período do ano anterior).



Os segmentos têxteis (+4,9%) e automotivo (+4,4%) lideraram os avanços no consumo no 1º semestre do ano. Enquanto no ramo têxtil se sobressaíram os estados de Santa Catarina (+8,3%), São Paulo (+3,6%) e Ceará (+9,8%), no automobilístico o aumento na demanda foi mais relevante em São Paulo (+4,1%), maior polo do país no setor.

O ramo de Papel e Celulose progrediu 2,1% no 1º semestre alinhado com o aumento nas vendas externas de celulose (+6,9%) e de papel e cartão para escrita, impressão ou fins gráficos (+6,7%, MDIC). Os destaques no consumo foram a produção de papel e de embalagens de papel em Santa Catarina (+9,8%) e a produção de papel e a fabricação de celulose e outras pastas para a produção de papel no Paraná (+5,2%).

Apesar do consumo da metalurgia ter aumentado 4,9% no 1º trimestre, o seu recuo de 2,1% no 2º trimestre moderou o seu progresso no 1º semestre do ano (+1,3%). Ajudaram para este avanço, a siderurgia e as ferroligas em Minas Gerais (+3,7%). A retração de 50,2% no Ceará foi, em grande parte, devido ao efeito estatístico de base alta de planta siderúrgica que possui autoprodução e que estava em início de operação no 1º semestre de 2016.

Já o consumo no segmento químico caiu 2,5% no 1º semestre do ano impactado, entre outras, pela queda da demanda de energia nas atividades de produção de gases industriais e fabricação de produtos químicos inorgânicos em Minas Gerais (-10,0%). Segundo a ABIQUIM, o setor operou no período com nível de utilização da capacidade instalada de 77%, 2 pontos percentuais abaixo da média do mesmo período de 2016.

Por sua vez, o recuo de 3,5% na fabricação de produtos de minerais não-metálicos no 1º semestre do ano está associado ao contexto ainda adverso da construção civil e do setor de infraestrutura. Este resultado está de acordo com o declínio de 8,8% nas vendas domésticas de cimento no período (SNIC). A fabricação de cimento puxou para baixo as demandas de energia do setor no 1º semestre do ano no Pará (-40,5%) e em Minas Gerais (-6,6%). ■

## • Residencial cresceu 1,2% no primeiro semestre

O consumo de eletricidade nas residências do país nesses seis primeiros meses do ano alcançou o montante de 68.658 GWh, mostrando avanço de 1,2% sobre igual período do ano anterior.

No retrospecto dos três últimos semestres, observa-se um crescimento cadenciado do consumo à taxa de aproximadamente 1%, o que denota uma recuperação progressiva, porém bastante lenta. Tanto que o consumo médio residencial (159 kWh/mês) ainda está 0,9% abaixo ao de 2016.

No ano, houve uma reversão na passagem do primeiro para o segundo trimestre: o consumo retraiu 0,8% no segundo trimestre enquanto havia crescido 3,2% no primeiro trimestre. Deve-se ressaltar, entretanto, a base elevada de comparação neste último trimestre – em 2016, em razão principalmente de

condições climáticas no Sul e Sudeste, o crescimento do consumo em igual trimestre foi de 5,7%, a maior taxa trimestral verificada no ano.

Por essa razão as taxas no segundo trimestre de 2017 foram negativas nas regiões Sudeste (-1,4%) e Sul (-4%). Já o Centro-Oeste (3,2%) apresentou o melhor resultado no trimestre entre as regiões do país.

Depois de dois trimestres consecutivos com taxas negativas (em torno de -4,5%), a região Norte voltou a apresentar crescimento (1,6%). No Nordeste, o desempenho no segundo trimestre (0,9%) foi ligeiramente melhor do que no primeiro trimestre, mas ainda refletindo um crescimento fraco (0,6% no semestre). ■

## • Comercial recuou 0,7%

Na classe comercial, o consumo até junho totalizou 45.243 GWh, sendo 0,7% inferior ao de igual período de 2016. A queda seguiu a trajetória da contração econômica nas atividades do comércio e de serviços, como se observa no gráfico 6.

Até o mês de maio, comparativamente ao mesmo período de 2016, a queda no volume de vendas no comércio foi de -0,8% e nos serviços chegou a -4,4%. Embora essas taxas ainda estejam bastante deprimidas, apresentaram-se um pouco melhores que as registradas no ano anterior, para isso contribuíram: a expansão de 6,7% nas concessões de crédito às pessoas físicas (BACEN); a criação de 48.543 vagas de emprego formal (CAGED, série com ajuste); a elevação de 0,9% na renda real média (PNADC-IBGE); o arrefecimento da inflação, que passou de 4,0 p.p. em 2016 para 1,4 p.p. nesse período em 2017. No caso de São Paulo, estado que participou com 32,0% do consumo de eletricidade na classe comercial no período, esses fatores favoreceram especialmente as vendas de móveis e eletrodomésticos, como se ilustra no gráfico 7.

O desempenho negativo no mercado de eletricidade nos seis primeiros meses do ano foi verificado em quatro das cinco regiões do país, com apenas o Centro Oeste registrando elevação de 1,1%. Nesta, somente o Distrito Federal teve queda (-3,0%), sendo que a maior alta foi alcançada pelo Mato Grosso do Sul (+4,2%), seguido do Mato Grosso (+3,0%) e Goiás (+1,8%).

Proporcionalmente, a maior contração se deu no Norte, -2,4%, o que se deveu sobretudo ao resultado do Amazonas (-11,1%).

Na região Sudeste, cuja queda de 1,0% respondeu por 83,5% da redução total na classe comercial, todos os estados registraram taxas negativas, quais sejam: -2,8% no Espírito Santo, -1,6% em Minas Gerais, -1,0% em São Paulo e -0,4% no Rio de Janeiro.

No Nordeste a queda de 0,3% foi determinada pelos estados do Maranhão (-4,3%), Ceará (-2,5%) e Bahia (-1,4%), que conjuntamente resultaram em um decréscimo de volume superior ao crescimento dos demais seis estados, dentre os quais a maior alta ocorreu no Rio Grande do Norte (+4,0%).

Na região Sul a variação no primeiro semestre do ano foi de -0,2%, sendo que apenas o Paraná apresentou crescimento (+0,9%). Em Santa Catarina a queda foi de -1,4% e no Rio Grande do Sul de -0,4%. ■

Gráfico 6. Brasil—Classe Comercial: Consumo de eletricidade e volume de vendas,

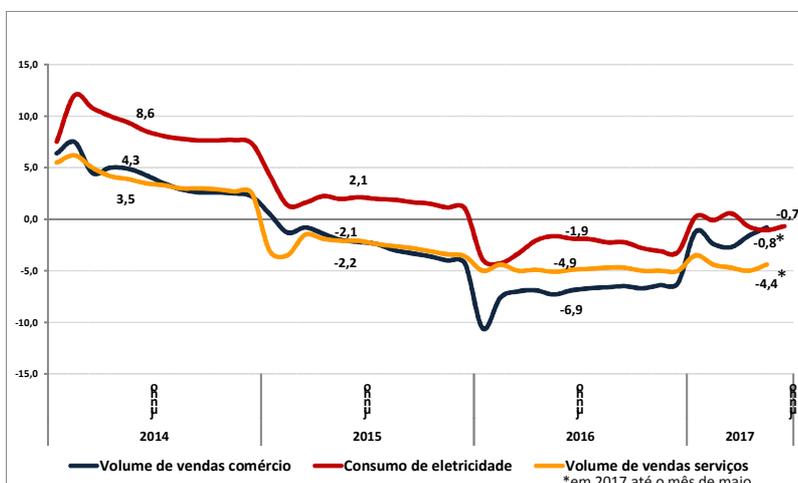
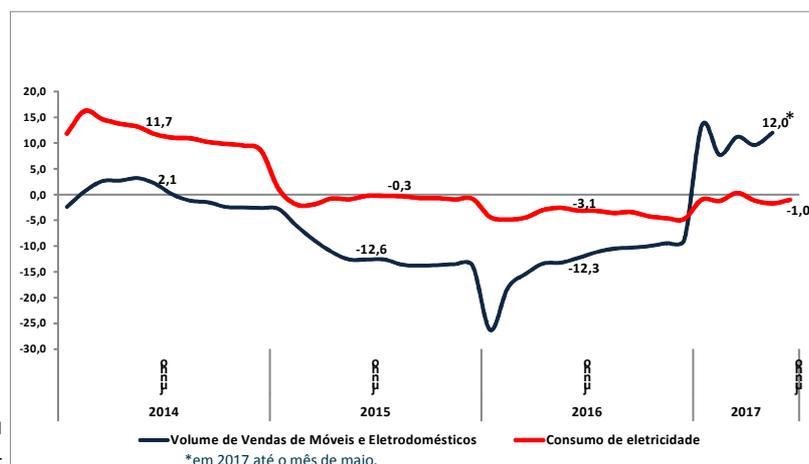
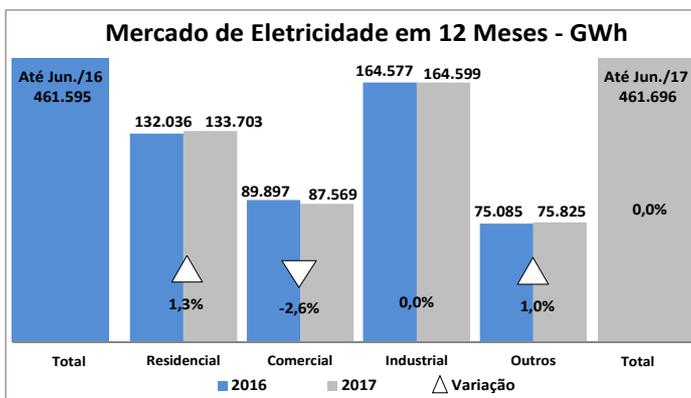
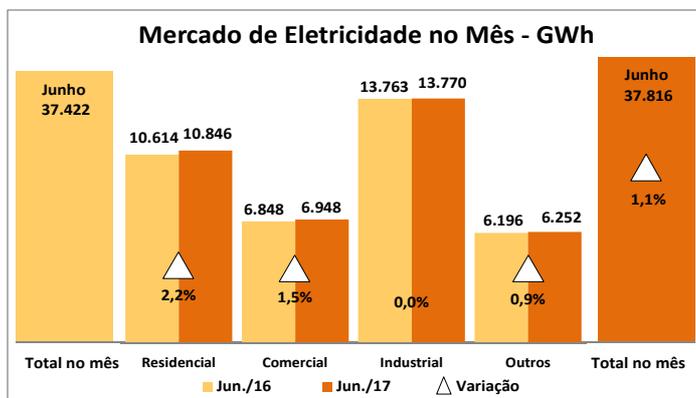


Gráfico 7. São Paulo—Classe Comercial: Consumo de eletricidade e volume de vendas, variação acumulada no ano.



## Estatísticas do Consumo de Energia Elétrica



	CONSUMO CATIVO		CONSUMO LIVRE	
	TWh	Δ %	TWh	Δ %
Junho	25,9	-5,2	11,9	18,0
12 meses	325,9	-5,9	135,8	17,7

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE. Dados preliminares.



REGIÃO/CLASSE	EM JUNHO			ATÉ JUNHO			12 MESES		
	2017	2016	%	2017	2016	%	2017	2016	%
<b>BRASIL</b>	37.816	37.422	1,1	233.221	232.352	0,4	461.696	461.595	0,0
RESIDENCIAL	10.846	10.614	2,2	68.658	67.827	1,2	133.703	132.036	1,3
INDUSTRIAL	13.770	13.763	0,0	81.322	81.279	0,1	164.599	164.577	0,0
COMERCIAL	6.948	6.848	1,5	45.243	45.547	-0,7	87.569	89.897	-2,6
OUTROS	6.252	6.196	0,9	37.998	37.699	0,8	75.825	75.085	1,0
<b>CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA</b>									
SISTEMAS ISOLADOS	235	236	-0,4	1.383	1.446	-4,4	2.879	2.971	-3,1
NORTE	2.894	2.856	1,3	16.601	16.714	-0,7	34.320	34.271	0,1
NORDESTE	5.969	6.068	-1,6	36.257	36.598	-0,9	72.965	72.641	0,4
SUDESTE/C.OESTE	22.014	21.662	1,6	135.822	135.386	0,3	268.520	270.219	-0,6
SUL	6.704	6.600	1,6	43.157	42.208	2,2	83.012	81.493	1,9
<b>REGIÕES GEOGRÁFICAS</b>									
<b>NORTE</b>	2.874	2.809	2,3	16.505	16.591	-0,5	33.985	34.140	-0,5
RESIDENCIAL	806	783	2,9	4.473	4.538	-1,4	9.412	9.477	-0,7
INDUSTRIAL	1.254	1.208	3,7	7.454	7.402	0,7	15.092	14.987	0,7
COMERCIAL	417	416	0,1	2.354	2.412	-2,4	4.852	5.048	-3,9
OUTROS	398	401	-0,7	2.224	2.240	-0,7	4.629	4.628	0,0
<b>NORDESTE</b>	6.529	6.633	-1,6	39.486	39.901	-1,0	79.730	79.341	0,5
RESIDENCIAL	2.242	2.219	1,0	13.671	13.584	0,6	26.997	26.370	2,4
INDUSTRIAL	1.821	1.945	-6,4	11.019	11.582	-4,9	22.762	23.452	-2,9
COMERCIAL	1.176	1.170	0,5	7.162	7.184	-0,3	14.301	14.195	0,7
OUTROS	1.290	1.297	-0,5	7.633	7.551	1,1	15.670	15.324	2,3
<b>SUDESTE</b>	18.773	18.563	1,1	116.691	116.366	0,3	230.294	231.405	-0,5
RESIDENCIAL	5.201	5.077	2,4	33.876	33.328	1,6	65.344	64.660	1,1
INDUSTRIAL	7.279	7.307	-0,4	42.837	42.896	-0,1	86.917	87.007	-0,1
COMERCIAL	3.674	3.611	1,7	24.266	24.520	-1,0	46.620	48.392	-3,7
OUTROS	2.618	2.568	2,0	15.713	15.622	0,6	31.413	31.346	0,2
<b>SUL</b>	6.704	6.600	1,6	43.157	42.208	2,2	83.012	81.493	1,9
RESIDENCIAL	1.678	1.683	-0,3	11.023	10.830	1,8	20.907	20.443	2,3
INDUSTRIAL	2.669	2.578	3,6	15.723	15.078	4,3	31.192	30.416	2,5
COMERCIAL	1.085	1.082	0,2	7.775	7.787	-0,2	14.605	14.901	-2,0
OUTROS	1.271	1.256	1,2	8.637	8.513	1,5	16.309	15.732	3,7
<b>CENTRO-OESTE</b>	2.935	2.818	4,2	17.382	17.286	0,6	34.675	35.216	-1,5
RESIDENCIAL	919	851	8,0	5.616	5.547	1,2	11.045	11.087	-0,4
INDUSTRIAL	746	724	3,0	4.290	4.321	-0,7	8.635	8.714	-0,9
COMERCIAL	597	568	5,1	3.685	3.644	1,1	7.191	7.362	-2,3
OUTROS	674	675	-0,1	3.791	3.773	0,5	7.804	8.054	-3,1

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas nesta Resenha, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Para mais informações sobre o mercado de energia: [copam@epe.gov.br](mailto:copam@epe.gov.br)

**Coordenação Geral**  
Luiz Augusto Nobrega Barroso

Ricardo Gorini de Oliveira

**Coordenação Executiva**  
Jeferson B. Soares

**Comunicação e Imprensa**  
Maura Cruz Xerfan

**Equipe Técnica**  
Aline Moreira Gomes

Carla C. Lopes Achão (coordenação técnica)

Isabela de Almeida Oliveira

João M. Schneider de Mello

Lidiane de Almeida Modesto

Marcia Andreassy

Nathália Thaisa Calazans (estagiária)

Simone Saviolo Rocha

Thiago Toneli Chagas

Para obter as séries históricas de consumo mensal, acesse a seção **Economia e Mercado Energético** no endereço eletrônico: <http://www.epe.gov.br>